

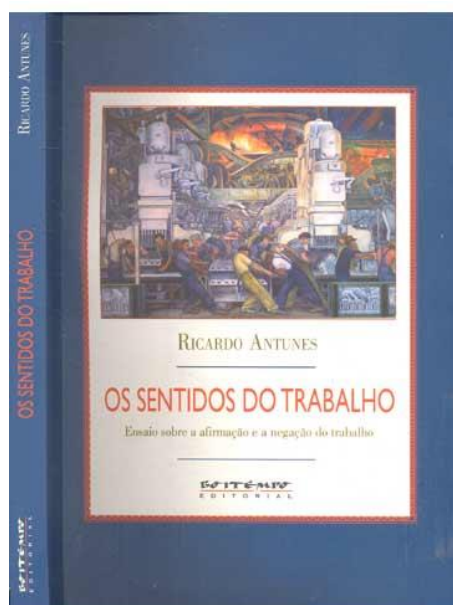
**OS SENTIDOS DO TRABALHO:
ENSAIO SOBRE A AFIRMAÇÃO E A
NEGAÇÃO DO TRABALHO.**

Ricardo Antunes

Por Isis do Mar Marques Martins

Mestranda – PPGE/UFF

isis.marinha@gmail.com



O que é o trabalho? Como entender o trabalho e qual sua principal fonte, sua essência? Em geral, temos a primeira ideia de que o trabalho participa de uma dicotomia – das várias- de bem e mau, triste e feliz, dentre outras. Qual o sentido do trabalho? O sociólogo Ricardo Antunes, em seu *livro Os sentidos do trabalho*, como já aponta o título, propõe a reflexão de sentidos, a partir de ideologias, discursos, hegemonias e reprodução de ideologias e hegemonias, conforme demanda de alimentação, metabolização de

relações de poder, a partir do processo capitalista de produção.

Para a geografia, a perspectiva de Ricardo Antunes é, sem nenhum exagero, uma das principais referências, pois inclui, direta ou indiretamente, a noção de espaço como processo de transformação político e social, na inserção das relações sociais, e nos ditames do processo de acumulação capitalista em movimento, tanto pela crise quanto pela sua evolução espaço-temporal. No livro, os sentidos do trabalho, considerado um de seus principais, a aproximação entre István Mészáros e Georg Lukács intercalam e recriam, mesmo que em poucas linhas, conceitos muito pensados hoje na geografia, como território e territorialização, bem como novos sentidos a partir das relações de subordinação e estranhamento, sentido do trabalho estabelecido a partir das relações de produção: da classe do trabalho à *classe-que-vive-do-trabalho*. Contudo, esse é um dos vários sentidos, das várias possibilidades de entender a palavra trabalho que, por seu contexto dialético, torna-se capciosa para as ciências sociais em geral.

Para o autor, há um sistema de *metabolismo* social do capital, sistema de crescimento e aglutinação do capital pelo capital, que transpassa as relações e as transforma em relação social de produção, e geram as mediações de segunda ordem do trabalho que introduz “elementos

fetichizadores e alienantes de controle social metabólico” (20), diverso à mediação de primeira ordem, interação instintiva entre coletividade, comunitarismo e autodeterminação.

O capitalismo é um sistema tridimensional, pois envolve capital, trabalho e estado, comensadores metabolicamente e reprodutor do discurso do trabalho como valor de troca a partir do capital. Há, portanto, a tendência decrescente do valor de uso das coisas. A efemeridade do útil em relação a uma perspectiva da aparência, a estética torna-se cada vez mais imprescindível, e não somente a partir do objeto, mas – e principalmente a partir do sujeito.

Antunes, dessa forma, aponta uma nova perspectiva relativa à classe trabalhadora e/ou do proletário: a *classe-que-vive-do-trabalho*, que engloba exatamente todo um corpo social que estabelece suas relações conforme esse sistema de metabolismo social do capital, na aglutinação da esfera pública e privada, que contraditoriamente homogeniza e fragmenta tais esferas. A terceira via é, para o autor, uma das principais ferramentas de inserção dessa classe que paradoxalmente se alia ao sistema metabólico do capital, que mesmo inserido num contexto de funcionalidade a estrutura social como meio de transformação, utiliza os mecanismos engendrados desse sistema

metabólico em sua própria constituição de forma paradoxal.

Para Antunes, há no capital um processo de subjetivação que qualifica e hierarquiza as diferenças, as subjetividades. Esse processo de subjetivação é, portanto, diferente da subjetivação em si, porque é nesse processo que a verticalização das subjetividades se manifesta e dificultam os mecanismos de coletividade, por exemplo. Consequência da verticalização da subjetividade, *aquele-que-vive-do-trabalho* procura “forjar” uma subjetividade ao encontro das suas relações de trabalho, como no caso da qualificação profissional e da extensão dessas relações ao seu cotidiano.

O EMPREGO NA GLOBALIZAÇÃO.

Márcio Pochmann.

Por José Roberto Nunes de Azevedo

Doutorando – FCT/Unesp



Este livro faz uma análise do emprego no atual estágio histórico em que vivemos a partir de uma perspectiva nacional e internacional. Assim, inicialmente atenta para desigual repartição do trabalho no mundo e as transformações pelas quais passa o centro e a periferia, caracterizados em um primeiro momento pelos países ricos e pobres respectivamente. Não obstante chama atenção para os países intermediários, denominados como sendo a semiperiferia, os quais passam por mudanças em relação a sua atividades produtivas, agora com setor industrial desenvolvido.

O Brasil é um interessante exemplo desta transformação na medida em que de

um país eminentemente agrário-exportador no início do século XX passa na segunda metade do século XX por um processo de industrialização e urbanização que rebate diretamente em seu mercado de trabalho, o qual entre 1932 e 1980 foi caracterizado pela difusão do emprego assalariado.

Segundo o autor nas últimas décadas ocorre a difusão de um novo paradigma técnico-produtivo caracterizado pela transição do método taylorista-fordista para o toyotismo que incorpora novas estratégias patronais que visa uma produtividade crescente. Nesse cenário algumas tendências são apontadas por Pochmann (2007), dentre as quais, temos a diminuição na participação relativa do emprego industrial, o crescimento do setor de serviços e a maior presença das mulheres nas ocupações formais.

É fato de acordo com o autor o crescimento da quantidade de trabalhadores desempregados em todo o mundo e particularmente no Brasil onde na década de 1990 tivemos o rebaixamento da capacidade de expansão do trabalho assalariado e, paralelamente, o aumento do grau de precarização da força de trabalho. Para o autor é necessário uma nova política pública para o trabalho no qual haja um sistema democrático de relações de trabalho e a formação profissional voltada a diversidade produtiva.

ECONOMIA DOS CONFLITOS SOCIAIS.

João Bernardo.

Por José Roberto Nunes de Azevedo
Doutorando – FCT/Unesp



O presente livro faz uma interessante abordagem a respeito do modelo de mais-valia na qual demonstra o nexos entre as formas de extração do sobretrabalho pelo capital visto como uma relação social contraditória e a luta de classes presente no âmbito das relações capitalistas de produção. Bernardo (2009), faz uma leitura da mais-valia a partir da contribuição teórica de Kant, Fichte, Schelling, Jacobi e Marx.

Nesse aspecto diferencia e caracteriza a mais-valia relativa e absoluta para em

seguida apontar a integração econômica e a repartição da mais-valia. Também explica o papel do dinheiro enquanto agente do relacionamento entre valores no decorrer do tempo. A partir desta análise é discutido pelo autor as formas que ocorrem a reprodução em escala ampliada do capital, qual seja, pela sua reprodução extensiva e intensiva.

Por fim, atina para o que denomina como sendo economia dos processos revolucionários, marcado pelo permanente relacionamento entre as classes capitalistas e trabalhadora, na qual busca-se a possibilidade de um novo modo de produção, com relações sociais solitárias e igualitárias.